

miriamleitao@oglobo.com.br

## MÍRIAM LEITÃO



*A política econômica tem que buscar um ambiente em que os investidores tenham segurança e que a inflação não destrua a renda dos mais pobres*

## Pobreza e inflação

O Banco Central admitiu que a inflação está subindo, há mais pressões vindas de diversas áreas: câmbio, preços administrados, alimentação. O Ipea, enfim, fez a conta e registrou um aumento do percentual de miseráveis. Há quem acredite, ainda hoje, pasmem, que combater a inflação é preocupação de neoliberal e reduzir a pobreza é objetivo dos bons, os progressistas.

Não existe combate à pobreza e à miséria sem redução da inflação. Eu gostaria, queridos leitores, de não ter que dizer obviedades como a dessa frase acima, mas o debate eleitoral fez sair do armário os que simplificam o mundo entre “nós e eles”, como se estivessem em confronto os defensores dos pobres e os amigos dos banqueiros.

O Brasil fez uma caminhada tão longa por uma moeda estável e, como jornalista, vi com orgulho o avanço do entendimento do aspecto mais perverso da inflação: ela tira capacidade de compra de quem tem menos renda. Há quem, dentro do governo, professe convicções ultrapassadas de que política monetária e política social pertencem a mundos diferentes. Há quem proclame no governo, diante de todos os dados contrários, que a miséria está caindo e que o ganho é “extraordinário”, mesmo estando num ambiente

de recessão e inflação crescente. Em ambiente assim, não há progresso que se mantenha.

Ganho social de forma permanente depende de inflação baixa. Só assim a renda é preservada, as políticas públicas de combate à pobreza são sustentáveis, e o país pode crescer de forma constante. A ata do Copom de ontem alerta, mais uma vez, que quando a inflação está persistentemente alta perde-se o horizonte para investimentos e consumo.

Resta ao Banco Central explicar por que ficou parado, vendo a inflação subir, enquanto estávamos em período eleitoral, e mudou a avaliação agora. Talvez um dia ele explique. No texto de ontem, ele se esforçou para mostrar que, desde a última reunião, houve um aumento do risco, subiu a inflação média, a taxa acumulada em 12 meses, a taxa de câmbio e o processo de realinhamento dos preços administrados. Tudo ficou um pouco pior, é verdade. Mesmo que hoje se divulgue um IPCA um pouco melhor sobre o mês anterior, o fato é que o ambiente está propício a reajustes porque durante todo o primeiro mandato de Dilma ficou a dúvida sobre que grau de autonomia tinha o Banco Central para fazer seu trabalho e buscar suas metas.

Essa mesma dúvida perseguirá o próximo ministro da Fazenda, venha o nome de onde vier. O que é preciso é o governo entender a ligação direta entre inflação e política social como

### Os pontos-chave

1

Há quem pense que o combate à inflação é coisa de gente má, e redução da pobreza, de gente de bem

2

O correto é ter em mente que não existe combate à miséria e à pobreza sem a queda da inflação

3

BC subiu juros e admitiu pressão nos preços. PIB fraco e inflação alta aumentaram a pobreza

duas partes do mesmo progresso.

A pobreza e a extrema pobreza caíram ao longo do tempo pela vitória sobre a hiperinflação. O percentual de pobres e miseráveis começou a cair no Plano Real e essa queda avançou com políticas sociais que a estabilização tornou possíveis. A taxa de juros é remédio amargo, com efeitos colaterais pesados, mas tem que ser usada principalmente se o controle dos gastos não é feito. Se o BC tiver a ajuda da política fiscal, usará menos esse remédio. Se o Banco Central tiver autonomia, terá mais credibilidade e a dose poderá ser menor.

A ideia de que Banco Central au-

tônomo e política monetária vigilante aumentam o lucro dos banqueiros é uma enorme bobagem. Os bancos ganham em qualquer situação, basta ver os gordos lucros que exibem. A política econômica tem que buscar um ambiente em que os investidores possam empreender com segurança e para que a inflação não destrua a renda dos mais pobres.

O aumento do número de miseráveis admitido pelo Ipea, depois das eleições, precisa ser entendido. Quem tem renda mensal de mais de R\$ 70 não é mais considerado miserável por essa arbitrária linha. Claro que há muito tempo tinha que ter sido revisto esse ponto que divide o grupo dos pobres do grupo dos extremamente pobres. Uma família de quatro pessoas com renda total de R\$ 300 continua na miséria, diga o que disserem as linhas governamentais feitas sob encomenda para engordar as estatísticas dos “retirados da miséria” que compõem as propagandas do governo.

Se o governo quiser mesmo desarmar os palanques deve começar a reconhecer que desinformou quando fez uma divisão de mundo que revoga o progresso recente do Brasil. A melhor política de proteção dos pobres é a que mantém a inflação baixa.

Com Alvaro Gribel (de São Paulo)  
oglobo.com.br/economia/miriamleitao

## CRESCIMENTO

# Indústria local contribui mais para o PIB

**Pesquisa CNI mostra que fábricas capixabas são responsáveis por 31% da riqueza gerada no ES**

▄ O Espírito Santo é o terceiro Estado mais industrializado do país. É o que revela o estudo Mapa da Indústria, elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Segundo a pesquisa inédita, divulgada ontem, a indústria capixaba, entre 2001 e 2011, aumentou em 1,2% sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) do país. Foi o quarto melhor desempenho.

O estudo, que mostra o perfil da indústria nos estados, apresenta informações sobre a evolução da participação do setor na economia local, no PIB industrial nacional, na geração de



### Recuperação

Presidente da Findes fala sobre o avanço da indústria capixaba.

“Vamos fechar o ano com bom crescimento, apesar de 2014 ter sido difícil”

emprego, nas exportações, além dos principais segmentos industriais em cada unidade da federação.

O levantamento também revela que o Espírito Santo é o terceiro Estado no qual a indústria tem o maior percentual de participação no PIB local, chegando a ser

responsável por 31% de toda a receita gerada.

O presidente da Federação da Indústria do Espírito Santo (Findes), Marcos Guerra, explica que, em 2010, a produção física do Espírito Santo alcançou um dos seus melhores momentos e teve crescimento

de 22,3% em relação ao ano anterior. Em 2012, esse avanço foi de 6,8%, deixando o Estado com o segundo melhor índice de desenvolvimento no país.

“Em 2013, a expansão da produção não conseguiu se sustentar, mas, mesmo assim, nesses qua-

tro últimos anos, a indústria capixaba cresceu 3,2%. No mesmo período, podemos dizer que o país terá índices negativos, com retração esperada de 3,5%”, destaca Guerra.

Apesar de ter iniciado o ano de forma mais lenta, o setor industrial deve chegar em dezembro com alta na produção e nas vendas. “Muitas empresas ampliaram seus negócios, reatando a economia do Estado. Tivemos o início do funcionamento da quarta usina da Samarco; o começo da operação da oitava usina da Vale; o religamento do alto-forno da ArcelorMittal Tubarão; a inauguração da Itatiaia; e, ainda, a duplicação de plantas industriais importantes, como a WEG”, acrescenta Guerra.

### NÚMEROS

- ▼ **PIB industrial**  
R\$ 30,4 bilhões
- ▼ **PIB estadual**  
Participação de 31,1%
- ▼ **PIB industrial no país**  
Estado tem participação de 3,1%
- ▼ **Alta na participação**  
Foi de 1,2% entre 2001 e 2011
- ▼ **Empresas**  
São 11.578 indústrias
- ▼ **Funcionários**  
Setor emprega 210 mil pessoas
- ▼ **Salário médio**  
Trabalhadores ganham, em média, R\$ 1.868
- ▼ **Volume de ICMS**  
Indústria paga R\$ 3,4 bilhões de ICMS no Estado
- ▼ **Exportação**  
Setor corresponde a 30,1% das exportações